



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XVIII Jornada de Pesquisa

CONSIDERAÇÕES DE CONDORCET A RESPEITO DO COMÉRCIO INTERNACIONAL¹

Tiago Anderson Brutti².

¹ Pesquisa realizada no curso de Doutorado em Educação nas Ciências da Unijuí.

² Doutorando em Educação nas Ciências na UNIJUÍ e bolsista da CAPES/PROSUP Cursos Novos.

Introdução

Este texto apresenta argumentos publicizados por Condorcet no que respeita às configurações políticas e econômicas instituídas pela Revolução Americana; articula as apostas do filósofo com relação ao tema do comércio internacional e enfatiza o estilo de abordar a política à luz dos acontecimentos históricos que de diferentes modos reavivaram as apostas republicanas tanto nos Estados Unidos da América quanto na Europa.

Para Condorcet, o povo francês, com a independência dos Estados Unidos, poderia encontrar as vantagens de adquirir os produtos que considerasse necessários, e que agora estivessem em falta, procurando um melhor preço e viabilizando que se tivesse a máxima segurança de não se sentir sua falta; de aumentar a venda de produtos nacionais manufaturados, aproveitando o interesse dos cultivadores em multiplicar a produção; e, além disso, de aumentar ao mesmo tempo a indústria e a atividade dos que realizam a elaboração. Essas duas vantagens, a saber, a da importação mais conveniente ou mais segura de produtos e a da exportação mais ampla, quem sabe aparecessem confundidas, uma vez que uma praticamente não subsistia sem a outra. No entanto, seria possível distingui-las, isso porque a primeira teria por objeto o aumento do bem-estar e a segunda o aumento da riqueza (1945, p. 53).

Metodologia

Análise do texto “De l’influence de la révolution d’Amérique sur l’Europe” (1786) em cotejo com a versão espanhola.

Resultados e Discussão

O filósofo imagina, no contexto do comércio internacional ao final do século XVIII, que seria mais vantajoso para um país exportar os produtos que exigissem maior trabalho, proporcionalmente ao produto bruto, e cuja produção fosse mais regular, menos exposta a acidentes ou a intempérie das estações. O comércio estrangeiro era considerado um meio de assegurar o crédito nos anos de abundância, fazendo menos precária a situação dos empresários da indústria. Condorcet, por essa via, deduz que, por exemplo, resultava mais vantajosa a exportação de vinhos que a de trigo, madeiras etc. (1945, p. 54-55).



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XVIII Jornada de Pesquisa

Toda a extensão de um comércio livre significaria, para Condorcet, em princípio, um bem, uma vez que incentivaria a produção e, por outro lado, favoreceria um maior gozo por igual preço. O comércio livre favoreceria que cada país chegasse rapidamente a não fabricar senão aquilo que pudesse cultivar ou elaborar com a máxima vantagem. O filósofo avalia que seria incalculável o acréscimo de riqueza e de bem-estar que poderia resultar da instituição dessa ordem livre. Contudo, a espécie de furor com que as nações se dedicavam a cultivar e a fabricar, não por mero experimento, senão em um esforço por não comprar nada do estrangeiro, provaria, desgraçadamente, como se ignorava ainda naqueles dias a utilidade de um comércio intenso e livre (1945, p. 55-56).

Condorcet considera que, independentemente dessas vantagens, outros pontos poderiam ser favoráveis para a Europa no comércio internacional. Enfatiza que os norte-americanos ocupavam um imenso território, do qual uma parte ainda não estava disposta para o cultivo; que, por um tempo, eles não poderiam dedicar-se a outras atividades que não o cultivo; e que, num país livre, todo homem, qualquer que fosse sua ocupação, preferiria, necessariamente, o estado de proprietário a qualquer outro, em tanto que pudesse aspirar a isso sem sacrificar muito de sua comodidade. Desse modo, os Estados Unidos da América não aportariam para a Europa, durante muito tempo, mais que produtos em bruto; mas, por outro lado, solicitariam da Europa mercadorias manufaturadas. A América, por essa via, disporia de pouco numerário para investir no comércio, já que a maior parte de seus capitais acabaria sendo investida em suas partes menos desenvolvidas para preparar o solo a fim de deixá-lo em condições de cultivo. Para o filósofo, a mercadoria que os Estados Unidos mais demandaria da Europa, por muito tempo, seria o vinho, justamente um dos produtos mais vantajosos para se exportar (1945, p. 56).

A França era, no parecer de Condorcet, a nação europeia para a qual seria de maior importância o comércio com a América. Primeiro, porque estava obrigada a comprar no norte e, por dinheiro, azeite, ferro, cânhamo e madeiras, as quais passaria a obter na América trocando por suas manufaturas. Segundo, porque nos anos de escassez o trigo e o arroz da América seriam um recurso importante para suas províncias situadas sobre o oceano ou que comunicam com este por canais e rios navegáveis. Terceiro, porque a França poderia estabelecer com a América um vasto comércio de vinhos. Tendo exclusivamente esse comércio e podendo nas demais manufaturas competir com a Inglaterra, sucederia que com o incremento do comércio de vinhos a França passasse a Inglaterra no volume de comércio com os Estados Unidos. O filósofo destaca que não lhe parecia duvidoso, por outro lado, que a França fosse também a parceira preferida dos Estados Unidos, comparada aos outros países, isso ao menos enquanto as indústrias de Portugal e da Espanha não progredissem o suficiente para lhes fazer uma maior concorrência (1945, p. 56-57).

No que respeita às exportações dos Estados Unidos para a Europa, o filósofo aposta que não se limitariam às mercadorias da época. Imagina quantas inovações não ofereceria esse imenso país,





Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XVIII Jornada de Pesquisa

agora ignoradas por seus habitantes, mas de cuja utilidade em breve o comércio notabilizaria. Ainda que semelhante conjectura não estivesse apoiada pelo conhecimento das produções que seguramente algum dia se transformariam em objeto de comércio, essa esperança não deveria ser considerada quimérica. Para Condorcet, o vasto continente americano não ofereceria à Europa somente produções inúteis ou comuns (1945, p. 59).

Conclusões

A economia social mais razoável, para Condorcet, é aquela segundo a qual a prosperidade do comércio e a riqueza nacional deveriam ser equilibradas com a justiça. Desse modo, um grupo de homens reunidos não deveria ter para si o direito de fazer o que de cada homem em particular pudesse configurar uma injustiça. Nesse sentido, os interesses de poder e de riqueza de uma nação se fragilizariam ante o direito inegociável de um só homem.

Seria de utilidade pública, advoga Condorcet, garantir mais liberdade em matéria de comércio. Essa liberdade seria igualmente útil aos proprietários, aos cultivadores, aos consumidores e aos assalariados. Se os princípios da liberdade de comércio supunham formalmente que não se podia ceder aos clamores desordenados ou aos preconceitos populares, o fato é que o filósofo defendia, no entanto, que, nos tempos de escassez, o governo ajudasse aos mais necessitados. O que se pretendia era a abolição de um grande número de formalidades que faziam do trabalhador um escravo.

Na cultura da livre concorrência, limitada às regras republicanas, o preço poderia ser fixado reciprocamente pelos proprietários e pelos trabalhadores, enquanto que na cultura escravocrata o marco regulatório do preço sempre estaria condicionado à ganância ou à barbárie dos proprietários, assente o filósofo. Junto a essas apostas políticas e econômicas, o filósofo reivindicou que a abolição da escravatura fosse acompanhada de um programa humanitário e político, financiada pelo Estado e o patronato, provendo garantias de cidadania aos negros libertos, inclusive o sustento dos órfãos, enfermos e mais idosos que, ao deixarem seus senhores, poderiam, se essas providências não fossem tomadas, padecer de fome e outras moléstias. Esse programa político-humanitário de libertação dos negros incluía estratégias de segurança pública frente à previsível ira dos proprietários contrariados em seus interesses econômicos exploratórios.

Palavras-chave: republicanismo; revoluções; Estados Unidos; Europa

Referências bibliográficas

CONDORCET. De l'influence de la révolution d'Amérique sur l'Europe. Disponível na Internet na Bibliothèque nationale de France: <<http://gallica.bnf.fr>>.

_____. Influencia de la revolución de América sobre Europa. Tradução de Tomás Ruiz Ibarlucea. Buenos Aires: Editorial Elevación, 1945.